

# BRASIL-PORTUGAL

1 DE JULHO DE 1906

N.º 179

## ***O Grande Club de Lisboa***

### **AS FESTAS DE JUNHO**



*O carro da cidade do Porto que se incorporou no cortejo do dia 13 de Junho*



## As festas de Lisboa e a alliança das duas cidades

**P**leno regimen de festas. Começaram com o Santo Antonio e não se sabe ainda até onde chegarão. Até a camara de Lisboa se pôz de accordo com os tres populares santos do mez de junho para que não houvesse solução de continuidade. E lá está o Rocio improvisado em feira para mostrar que as festas não tem fim e que as barracas de Santo Antonio vão continuando a exhibir-se sob o alto patronato de todos os santos e santas da côrte do céu.



Placa de prata offerrecida pelo Club dos "Fenianos," á cidade de Lisboa

Não expiraram ainda aquellas a que os Fenianos vieram dar alma e brilho e já outras se succedem ininterruptamente. Já a Rotunda se rendeu á Estrella, o Grande Club de Lisboa viu-se substituído pela Associação da Imprensa, e ás festas nocturnas que no lindissimo parque se estão realisando de noite preside a fada das illuminações e da pyrotechnia, a mesma que presidiu ás festas rijas do Rocio e da Avenida. E são ainda os pyrotechnicos e as tricanas que dão ás festas da Estrella a nota mais viva e picaresca, tornando-as por assim dizer solidarias com as suas antecessoras, e fazendo d'ellas o mais vivo traço de união entre a Estrella e a Rotunda.

Já, dias antes, a direcção do Jardim Zoologico, para que não houvesse esmorecimento no animo dos festiphilos, para não dar azo a que se apagasse a chamma sagrada, decretou

tres dias de festas, tendo alguns pontos de contacto com as do Club de Lisboa, sem abdicarem de originalidade propria, caracterisada por um baile ao ar livre, em pleno parque, no qual tomaram parte as figuras mais elegantes da primeira sociedade de Lisboa, e que foi realçado com a presença da rainha-mãe.

E, antes de exhalarem o ultimo suspiro as noites festivas da Estrella, o activissimo e previdente empresario do Colyseu julgou do seu dever deitar carvão na machina recreativa, e por meio de campeonatos, exhibições de formas e forças, estendeu junho pelo mez de

julho e chamou ao seu Colyseu a população lisboeta, que accetou por divisa, com as modificações da epoca, o *Panem et circenses*, dos romanos, e que arvora sobre todas as tristezas e semsaborias possíveis a bandeira vermelha, invencível e gloriosa, da folgança nacional.

E porque não havemos de chamar verdadeiramente benemeritos a estes promotores e organisadores do jubilo publico, que tem o privilegio de combater com gaudios e com festanças os calores caniculares que nos vão queimando a pelle e opprimindo os pulmões? Elles, os do Grande Club, os do Zoologico, os da Estrella, o do Colyseu dos Recreios, são os hygienistas por excellencia, os medicos da alma, mais uteis que os do



Conselheiro Carvalho Pessoa

Presidente do Grande Club de Lisboa



Carro da cidade de Lisboa

corpo, porque nos excitam o espirito, e, tonificam o coração sem os perigos da cafeina!

Detenhâmo-nos, porém n'esta ordem de considerações — que não foi o nosso proposito, destinar-lhe, aqui longo espaço — e façamos ainda uma pequena viagem caleidoscópico-philosophica sobre as festas primicias que Lisboa consagrou este anno ao mais popular e milagroso dos seus santos.

Ellas estão ainda na memoria de nós todos, e da nossa retina não se apagará mais nas suas linhas pittorescas, esse lindissimo cortejo, illuminado a fogos de bengala, atravessando as ruas e praças de Lisboa, sob os applausos da multidão compacta.

Esses dois apparatusos carros do Porto, tão bellos na sua concepção genial, e com tanta arte executados, e o de Lisboa, mais modesto, mas formoso tambem pelo que pretendia symbolisar, esses pittorescos grupos de cantadeiras, e tricanas, e a banda dos Fenianos, tocando a sua marcha triumphal, e os cavalleiros nos seus trajes historicos, e todos os elementos, em summa, que constituíam essa alegre, bulicosa, original e garrida procissão nocturna, deixaram no espirito de quem os presenciou uma impressão que não se apaga, porque tem a caracterisal-a a nota indelevel da nacionalidade e do patriotismo.

As decorações artisticas da Rotunda com a sua elegante tribuna real e os seus vastissimos palanques, a população agglomerada na Avenida, ora applaudindo os bailados e os descantes dos ranchos do norte, ora assistindo orgulhosa á revista dos nossos intrepidos bombeiros, ora, de olhos erguidos, contemplando as lagrimas dos foguetes e a chuva das



Carro dos "Fenianos"



estrellas, que penetravam de luz o horizonte afastado e azul, ao passo que troava no espaço a dynamite inoffensiva dos nossos habéis pyrotechnicos, fóra bastante tudo isso para alegrar a alma popular e dar foros de benemeritos áquelles que tão bizarramente encantavam e distraíam a população inteira de uma cidade.

Acima, porém, das expansões, das palmas e dos entusiasmos, que tem a vida ephemera dos minutos em que se manifestam, outro calor mais alto se alevanta, outra significação mais eloquente se regista, e nada mais consolador para o *Brasil-Portugal* do que deixar gravado nas suas columnas o jubilo intenso que de todas essas festas resultou, traduzindo-se n'esta eloquentissima palavra: confraternidade. E' que todos a sentimos, ardente, palpitante, entusiastica, quando as palmas, os vivas, e os bravos da cidade de Lisboa, enlaçavam n'um só affecto, e aclamavam n'um unisono cordeal, quando o champagne estalava nos *toasts* dos banquetes, ou quando elles entravam na *gare* da cidade ou quando destilavam nas ruas, por entre as alas compactas, esses filhos do Porto, esses representantes da terra do trabalho, que vinham tomar parte na alegria dos seus irmãos da capital, concorrer para ella, e no mais fraterno aperto de mão, firmar a solidariedade, a inquebrantavel estima, o eterno enlace de affectos e de interesses entre as duas cidades.

E' que, n'essa alliança, por esta forma proclamada, vimos, de subito, uma generosa esponja apagar quantos erros, e mal entendidos, possam momentaneamente ter perturbado a harmonia que mais do que nunca é indispensavel subsistir entre o Porto e Lisboa. Vimos que na effusão havia sinceridade, e que por igual collaboravam o espirito e o coração nas manifestações reciprocas com que as duas primeiras populações do reino se cingiam e glorificavam. E a influencia d'esta approximação tão fundo cavou nos espiritos, e os resultados d'esta fraternissima



Rainha D. Amelia no palanque da Rotunda da Avenida no dia 14 de junho. — El-Rei no 2.º plano

A primeira quinzena de junho fechou com os reclamados festejos a Santo Antonio de Lisboa, e se não fechou com chave de ouro, é de boa justiça dizer que não fechou com a vulgar e bruta chave de ferro commum. O que por ahi se fez em honra do Santo Thaumaturgo, que entrou nos festejos como o bom Pilatos entrou no Credo, não foi, de certo, a ultima palavra do bom gosto, da riqueza, do deslumbramento; mas, valha a verdade, foi alguma coisa de acaado, de decente, de correcto. Evidentemente, os festejos realizados pelo Grande Club de Lisboa não corresponderam á expectativa publica excitada pelo reclamo que em volta d'elles se fez; e aqui vem a proposito dizer, que o excessivo reclamo tem, como todas as coisas excessivas, seus inconvenientes graves. Mas nem por isso são menos crédores do nosso applauso os promotores e concomitantemente a sua obra. Porque, se não soffre duvida que as festas não corresponderam em geral ao que d'ellas se esperava, é certo, felizmente, que o gremio promotor prestou um grande serviço á cidade, dando fóros de festas dignas e decentes ás antigas folias pagãs da corneta de barro e da cantiga licenciosa ao som de banzas desafinadas pelas madrugadas lindas de junho, horrivelmente aromadas a emanações de buliçosos devotos, relegando essa folia soez para um plano que ficou a perder de vista, obrigando a a ceder logar honroso ás suas illuminações, embora pouco illuminantes, aos seus fogos, embora pouco deslumbrantes, aos seus concursos de danças populares, embora corriqueiros por muito vistos. Tudo quanto seja melhorar, avançar, progredir n'um caminho de bom gosto e decencia, n'este e em outros casos, constitue tarefa de applaudir incondicionalmente.



O desfile dos bombeiros no dia 14, dando volta á rotunda da Avenida, diante das tribunas

alliança tão proveitosamente não de evidenciar-se com o tempo, que só isto basta e sobejá para consagrar as festas exceptionaes d'esses tres memoraveis dias de junho.

JAYME VICTOR.

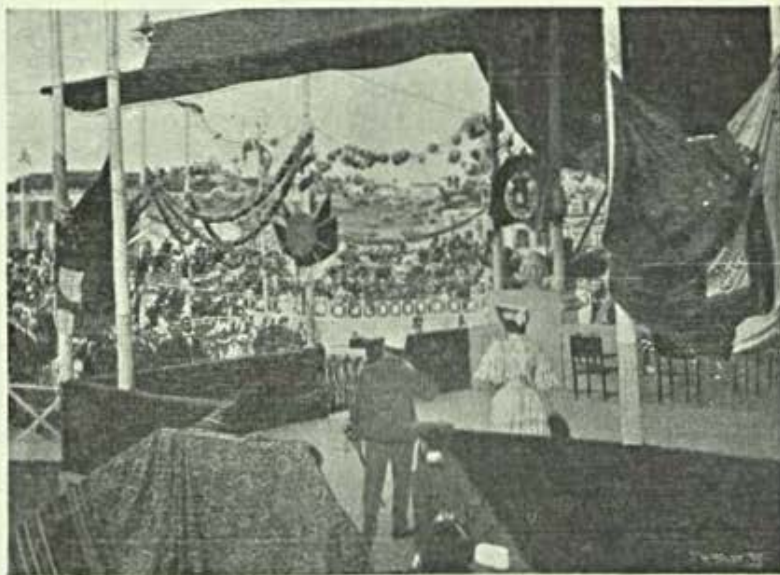
A má lingua que é, sem duvida alguma, a instituição mais florescente e estavel de todas as que entre nós medram, quer, porem,

## A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

VI

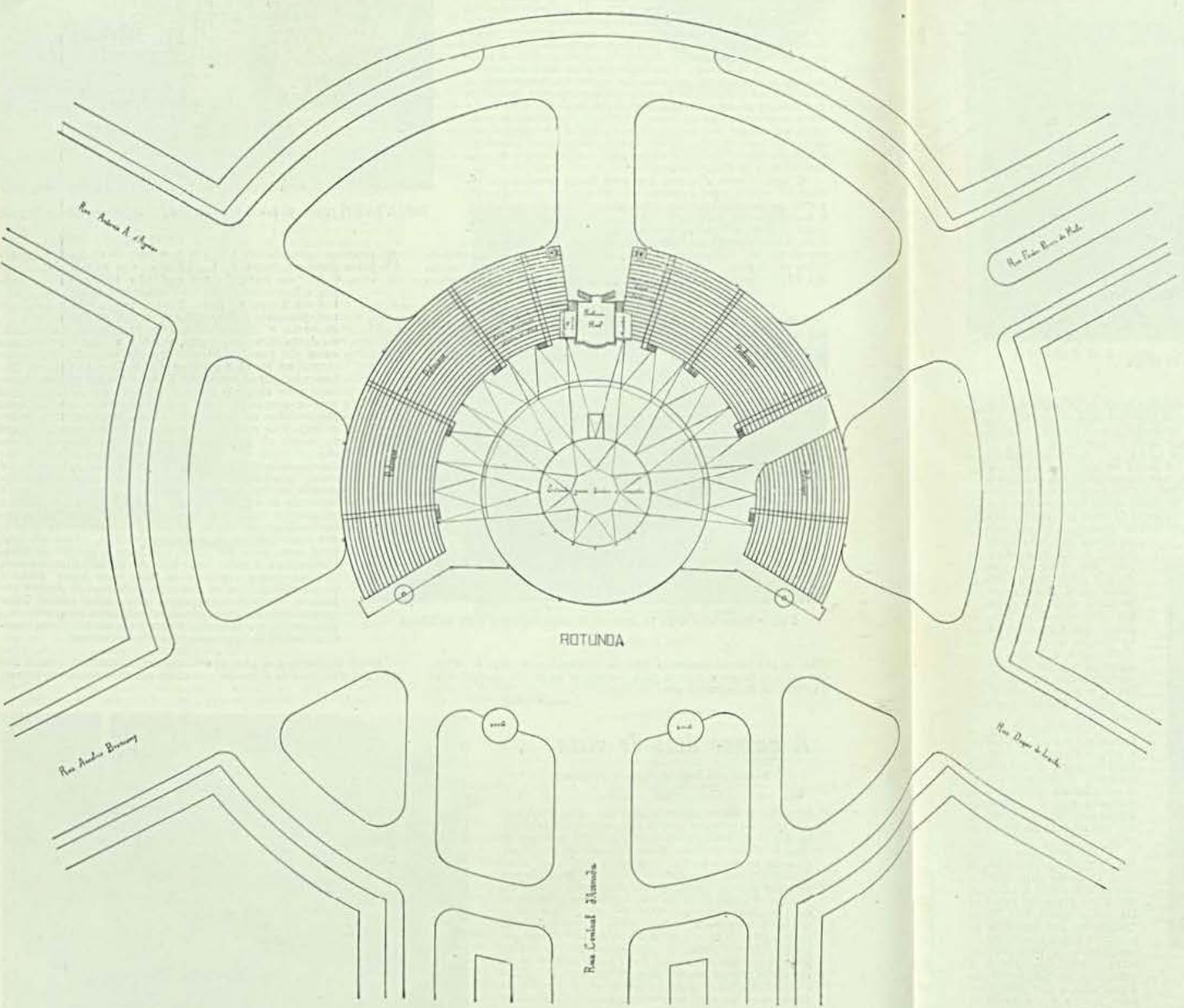
Como fechou a ultima quinzena: nem com chave d'ouro nem com chave de ferro. Os festejos do Grande Club de Lisboa em honra do santo quebra bilhas. A acção meritoria do Grande Club. A fusão Santo Antonio-Afonso Costa. Querella no outro mundo. Intervenção do governo. A má lingua indigena. O que ella diz e não vê. Para que chegam seis escusos contos de réis. A razão da pobreza dos festejos. A pelintrice de nós todos. Appela-se para a bondade de Deus e roga-se a Santo Antonio que não tome á má parte estas coisas. — Como o tempo se despica. Calor, calor e calor. O calor é necessario ás medidas de salvacão publica. Lisboa fetida. Desgraçada situação do lisboeta pedestre que tem de ir para a rua tratar da vida. O que elle cheira. Depois das oito da noite. Dafundo, Pedronços e Algés. Respira se enfim! O que se vê e o que se ouve. Desvaíra-se. Ha quem desvaíre com o calor. Ha quem desvaíre com vinho. Ha quem desvaíre com os dois. — Festas ao ar liere: no parque das Laranjeiras e no Jardim da Estrella. Caridade com os pobres e com os que contribuem para os socorrer. Diversões caras e diversões baratas. A divisa do Grandella é recommendada aos empresarios e festeiros.



Chegada de SS. MM. ao palanque real no dia 14 de junho



# A rotunda da Avenida durante as festas de junho



Planta do distincto architecto Rozendo Carvalho



ROZENDO CARVALHEIRA  
Arctar do projecto das palanques na Rotunda

## SONETOS

### Proposição das rythmas do Poeta

Incultas produções da mocidade  
Exponho a vossos olhos, oh leitores;  
Vêde-as com magoa, vêde-as com piedade,  
Que ellas buscam piedade e não louvores:

Ponderae da Fortuna a variedade  
Nos meus suspiros, lagrimas e amores;  
Notae dos males seus a immensidade,  
A curta duração de seus favores:

E se entre versos mil de sentimento  
Encontrardes alguns, cuja apparencia  
Indique festival contentamento,

Crêde, oh mortaes, que foram com violencia  
Escriptos pela mão do Fingimento,  
Cantados pela voz da Dependencia.

### O auitor aos seus versos

Chorosos versos meus desentoados,  
Sem arte, sem belleza e sem brandura,  
Urdidos pela mão da Desventura,  
Pela baça Tristeza envenenados:

Vêde a luz, não busqueis, desesperados,  
No mudo esquecimento a sepultura;  
Se os ditos vos lèrem sem ternura,  
Lêe-vos hão com ternura os desgraçados:

Não vos inspire, oh versos, cobardia  
Da satyra mordaz o furor louco,  
Da maldizente voz a tyrannia:

Desculpa tendes, se valesis tão pouco;  
Que não pôde cantar com melodia  
Um peito, de gemer, cançado e rouco.



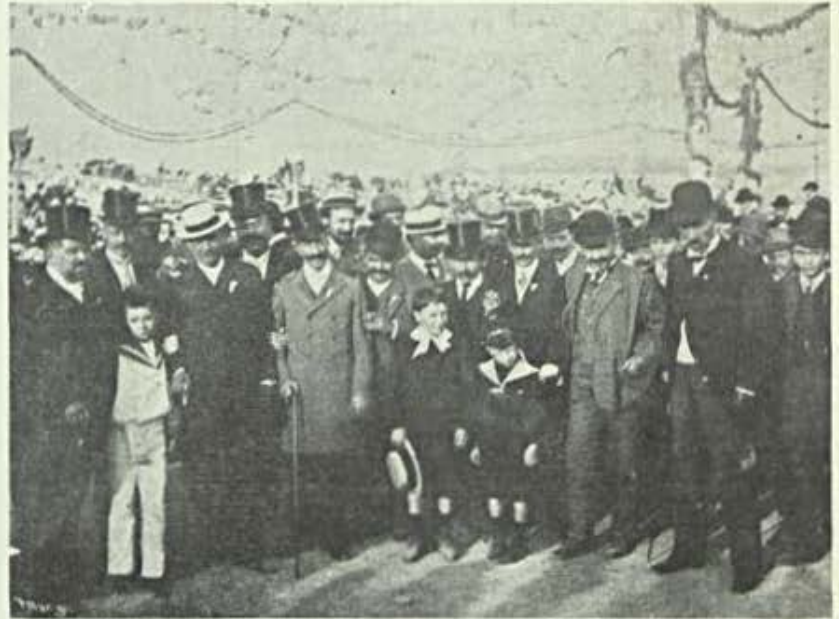
ver as coisas por outro prisma, por aquelle aspecto que mais convem á sua destemperada e quasi sempre inoportuna e azeda critica, fazendo recair sobre a prestimosa associação que levou a cabo, mal ou bem, os festejos, a responsabilidade de um insuccesso (?) pela falta de originalidade e brilhantismo dos festejos, pela sua pobreza franciscana, até pela propria escassez de entusiasmo da população. Mais uma vez os homens reconhecem quanto é fallivel a justiça de seus irmãos. Pela primeira vez os directores do Grande Club de Lisboa reconhecem a fallibilidade da justiça... dos que não são seus consocios. Tenham paciencia, que é remedio caseiro e eficaz, consolando-se com a ideia de que muitos outros teem soffrido injustiças de bradar aos céus e que sempre assim succedeu desde os festejos da inauguração d'este mundo de enganos e assim succederá até á hora terrivel da destruição d'esta infame bola, espectáculo grandioso que a ninguém será dado presenciar dos palanques da Avenida, convertidos talvez em bancada de tribunal colectivo, onde todos seremos chamados a depôr perante os conselheiros Veigas, n'esse Supremo Juizo de Instrução Criminal, pelas illuminações que cá tivermos feito, pelos cortejos nocturnos em que tenhamos tomado parte, pelas barraquinhas que tivermos armado no Rocio, pelo mal que porventura digamos de todas estas coisas. Eu, ecletico no meio d'esta baralha, estou tranquillo pelo meu destino. Só poderei ser chamado como testemunha e ainda assim o meu depoimento será baseado na declaração "de ter ouvido,, porque nada presenciei, o que provarei com attestados do medico que ao tempo me tratou de um abcesso na cara. Mas tremo pelo destino dos meus concidadãos, muito especialmente se Santo Antonio fór parte e constituir seu advogado o sr. Affonso Costa. Bacoreja-se por ahí que os dois andam feitos e que Santo Antonio não foi extranho ás manifestações ao caudillo republicano.

E ouvi — vá lá uma inconfidencia! — que o governo, sabedor do caso, resolveu que em vespera de manifestações radicaes, seja pelo governo civil deitada de molho a imagem do thaumaturgo, a fim de os manifestantes ficarem em condições de pedir chuva. Ora aqui está o que se chama provêr ás necessidades publicas! E' applicar ao caso de Santo Antonio a legislação de Santo Estevam: bolo n'uma das mãos, pau na outra: — quem dá o pão, dá o ensino. Creio que o governo está habilitado para o caso, porque se é pouco discutível a boa vontade do sr. Malheiro Reymão no que diz respeito ao pão barato, menos é a do sr. ministro do reino relativamente ao ensino gratuito e laico, devendo entender-se por ensino laico a ensinadella mestra.

E' opinião minha que pouco viverá quem não vir uma providencia governamental mandando adoptar oficialmente a *Cartilha Maternal ou methodo de João de Deus* com uma classe annexa para a

ção e reatemos o fio da conversa. Onde iamos nós?... Ah, sim, na ingratição dos nossos concidadãos que querem carregar os hombros dos dirigentes do Grande Club de Lisboa com a responsabilidade do insuccesso dos festejos, quando deviam testemunhar a esses cavalheiros a sua gratidão pelo muito que fizeram.

Porque, sinceramente, não puderam fazer mais. Só quem não



Alguns membros da commissão dos festejos

sabe quanto vale e para quanto chega a quantia de seis escassos contos de reis — eu tambem não sei mas sou uma excepção á regra — só quem tem uma noção inexacta d'essa magra maquia, imaginando-a um Potosi, pode exigir mais do que se fez.

O grande erro do Club de Lisboa foi não ter, depois de contado o dinheirinho, embrulhado tudo na ponta de um lenço e virar-se para o commercio, parte directamente interessada nos festejos e para elles contribuinte, e declarar-lhe: — Pois benemerito commercio amigo, temos conversado os farrapos sobre festejos. Isto que vocemecê deu e quasi foi pedido pelo amor de Deus, não chega para mandar cantar duas duzias de cegos que se prezem... de ver bem

as coisas pelo lado financeiro. E eu não estou para me ralar nem ter de pôr dinheiro do meu bolso para fazer umas festas e ainda por cima me descomporem. Proponho que a gente se vá saracotear com as ovarinas para a Praça da Figueira e gaste isto em mangericos e estalos da India, e mais um capilé, se sobrar dinheiro para essa orgia.

Se o commercio aceitasse o alvitro do Club e ambos fossem em folia pegada para o grande mercado e cumprissem o programma proposto, ver-se-ia que o homem dos capilés teria de fazer um abatimento no bebere.

N'este caso das festas de Santo Antonio ha uma confusão que leva muito boa gente a laborar n'um grosseiro erro. Ha muito quem fale na "pelintrice dos festejos", e muito pouco quem, investigando o caso nas suas origens, lobrigue a pelintrice de nós todos. Aqui, aqui é que está o gato, que a gente anda

constantemente a impingir pela lebre da sua farofia.

Valha nos Deus e que Santo Antonio não tome todas estas coisas á sua parte!...

Cá as fazemos, cá as pagamos.



Na Rotunda — Esperando a passagem dos bombeiros

propinação do ensino pela *Cartilha Paternal ou methodo de João Franco*. E então não se fará esperar a festa das creanças...

Mau, mau! Cá estou eu, contrariando os meus intuitos, derivando para o caminho accidentado da politica, desviando-me da linha recta que traçara ao pegar na penna. Perdõem-me a divaga-



Tanta chufa disse ao veneravel Tempo a proposito do fracasso da Primavera e da tardia vinda do Verão, que o homem resolveu despicar-se, e por que fórma, Santo Deus! — propinando-nos o calor mais intenso, mais arrelizador, que o infeliz condemnado á grelha de Lisboa durante o terceiro trimestre do anno civil tem sentido até o presente. E' medonho!

Ha quem diga que este tempo insupportavel se mantem a pedido do governo. Eu, quando tal ouvi, pasmel. Que demonio ganharia o governo com isto, senhores?!... Explicaram-me o caso. O governo



O cortejo do dia 13 de junho — Bombeiros saindo do quartel da Esperança

teria solicitado este calor para pôr em pratica o decreto das gratificações. Sendo incontroversa lei physica que o calor dilata os corpos, a intensidade do calor auxiliaria o ministerio na tarefa de arrancar a pelle aos amanuenses.

Se é realmente assim, se este calor obedece a um plano de salvação publica, então já aqui não está quem falou. O que temos a fazer é suar e... calar.

Mas só pelo bem da Patria se comprehende um sacrificio d'estes! Que horror! Todo o santo dia a calma morde os corpos e a atmosfera pesada dá a impressão de uma placa de metal candente que sobre as nossas cabeças fosse descendo n'uma lentidão de martyrio inquisitorial.

E' de apavorar a ideia de sahir á rua antes das oito horas da noite. O desgraçado que tenha de tratar da vida passa verdadeiros tormentos. A soalheira incide sobre a cidade e só a custo se apanha uma faixasinha de sombra, estreitissima, ao longo dos predios, sob os toldos brancos das lojas. Suam-se as estopinhas e cheiram-se verdadeiras pestes. Ha bairros em Lisboa essencialmente fedorentos. Porque negá-lo? Quando o calor aperta, a sua baixa é uma vasa em fermentação. Anda no ar o cheiro crasso de mil e uma coisas nauseabundas: peixe corrompido pela soalheira, fetido de saguões onde nunca entrou luz e menos ainda um balde d'agua, emanações de lixo mal varrido, transpirações horribes de gentinha que se não lava, fartuns nauseantes de talhos onde a carne exhibe sem resguardo e de tabernas onde o vinho azulma e o peixe moído é frito em azeites de lubrificar rodagens de machinas. A esta lista de si horrorosa ha a juntar, agora, o cheirete dos interessantes automoveis e das motociclettes em que passam ligeiros por nós, como n'um rapido vôo d'aves marinhas, extranhas figuras curvadas sobre chapelieiras do Mimoso e caixas de amostras dos armazens do Chiado, deixando no ar, entre nuvens de poeira, a fedorentina da gazolina e do petroleo. Deve estar no inferno a alma do inventor d'estas horribes machinas em que os leões alfacinhas correm a interminavel via sacra do seu snobismo e o sr. Affonso Costa corre ao encontro de manifestações espontaneas. E se não está, é porque a grelha não aqueceu o sufficiente para receber com as devidas honras esse flagellador da humanidade pedestre.

Mas voltando ao caso e aqui para nós: Lisboa-baixa está a pedir terremoto como pão para a bocca. E' uma grande necessidade. Eu não o peço já, aqui, porque sei que não dispomos agora de um Marquez de Pombal para effeitos reedificativos. Mas ao menos um diluvio. Um diluviosinho modesto, promovido pelo Grande Club de Lisboa, com subsidio da camara e auxilio da Companhia das Aguas. Não, isso estava a calhar! Só para arrelhar o arrematante da limpeza, valia a pena! Eu quereria ver a cara que elle faria — depois do diluvio lh'a ter lavado.

Só passadas as oito horas da noite é grato vir á rua com um

fatinho leve e um leve chapéu de palha, procurar o rapido electrico que desloca o ar e ir de rota batida por esse Aterro fóra em demanda da lufada salina do Dafundo, de Pedrouços, de Algés. Ah! então, sim, então respira-se um pouco melhor em quantidade e qualidade. E' lá, n'esses oasis d'esta escaldante Lisboa, que a gente pode escancarar a bôca para encher os pulmões sem receio de os atochar de milhões de microbios, de os escaldar com o ar calido e espesso de enfermaria que cá em baixo circula.

Cae lá o poder do mundo, quasi toda uma população lausa e enervada pela calma do dia: o respeitavel chefe de familia com sua virtuosa esposa e interessantes filhinhas; o não menos respeitavel celibatario, chefe de si proprio, com a indispensavel *badine* e um lequesinho de papel; veneraveis sacerdotes em severos casacos pretos, corças ao leu, agitando docemente o chapéu contra o peito, apoiados a bengalás, caminhando lentamente, como n'um prestito; creadinhas de avental branco e nariz arrebitado, vigiando trôpegos bebês baibuciantes, por seu turno vigiadas por solidos marmanjões da municipal gaguejantes de commoção; antigos deputados avançando magestosamente no areal com as frentes perdidas, meditando na inconstancia dos homens e das coisas terrenas; poetas do Suisso com livros em preparação eterna, os olhos fitos n'uma linda estrella distante, que já se não livra de um soneto de estrambote...

Surprehendem-se trechos de conversas, retalhos da vida de cada um, coisas comicas, coisas tristes, coisas banaes, palavras que não fazem sentido...

— Evidentemente o paiz...

— Boa noite...

— E' uma besta!

E a gente vae ouvindo e dialogando com toda aquella multidão, insensivelmente, para dentro:

— Pois está claro que o paiz...

— Muito boa noite...

— Não ha duvida, é um burro...

Fixam-se os olhos em qualquer coisa, o espirito suspende a sua laboração por momentos, n'um torpôr. De repente acorda-se como no sobresalto de quem não quer perder um comboio e lembra-se uma pessoa de que falou ha pouco... Sobre que?... Com quem?... ah! com aquella gente que não conhecemos, sobre coisas que não nos eram ditas... Sim senhor, é boa... mas como diabo seria isto?... Ia jurar que tinha estado a conversar...

E' a acção d'este tempo, que desvaira. A mim succede-me frequentemente isto, sempre que tenha soffrido um calor muito intenso. E ha pessoas a quem succede o mesmo, sempre que bebem de mais ao jantar. E' conforme os temperamentos, como dizem os medicos. Os temperamentos, segundo os scientistas, são multiplos e diversissimos. Para dar aos meus leitores uma pallida ideia d'este



As tricanas de Coimbra

facto assente, dir lhes-hei que ha tal que resiste ao calor e ao vinho.

E ainda bem; é signal de que ainda ha portugueses.

A costumada semsaboria de Lisboa na presente quadra, foi este anno cortada por duas interessantes festas ao ar livre, que tiveram um exito magnifico: os festivaes promovidos pela sociedade ele-



gante no parque das Laranjeiras — esse Eden de que pouco mais resta que a lenda do seu antigo proprietario, o conde de Farrobo — e os do Jardim da Estrella, levados a cabo pela Associação da Imprensa.

Ambas as festas obedeceram ao pensamento philantropico de enxugar lagrimas de miseria, accudindo a esses pobres — os mais desgraçados de todos — que se deixam cair a um canto vencidos pela má sorte e pelo pudor dos que não encontram na propria desgraça a energia precisa para virem á rua pedir esmola.

O exito dos festivaes deve ter deixado satisfeitos os promotores, acoroçando-os para proseguirem na sua altruista missão. Lisboa em peso passou pelos dois recintos em festa, divertindo se honesta e delicadamente, ao passo que contribuia para uma bella obra de caridade. E até ella foi caridosamente tratada, visto que o preço exigido das entradas nos festivaes permitiu o gozo de diversões agradaveis sem desfalque para as finanças menos prosperas.

Um dos males de que enferma esta pobre Lisboa é a carencia de diversões e o preço exagerado das poucas que offerece. Os theatros, com excepção do D. Amélia e do Colyseu, são de lotação exigua, sem logares baratos para o povo. Carrissimos. A tourada, o velho divertimento nacional tão amado do alfacinha a despeito da decadencia em que caiu, sae tambem excessivamente cara, não só pela acquisição do respectivo bilhete como tambem pelo transporte.

Assim, quando succede haver um divertimento razoavel por preço barato, os meus amigos lisboetas caem lá como tordos. Pudera!

A popularidade do sr. Santos do Colyseu e da Associação da Imprensa veem — creiam os que não querem vêr claro n'este caso clarissimo — de o primeiro annunciar um bom espectáculo por dois tostões e de a outra proporcionar uma bonita diversão por um tostão. O segredo da prosperidade do empresario esteve, está e estará sempre na divisa que o commerciante Grandella popularizou nos seus annuncios — vender barato para vender muito. E mal irá ao que não pensar assim n'uma terra em que todos somos ricos... da graça de Deus.

CAMARA LIMA.

## O "Querido João,"

**E**ra assim que lhe chamavam a bordo da *Patris*. Nunca, a não ser em horas de serviço, um d'aquelles seus quatorze excellentes companheiros lhe chamou conde de Arno, lhe deu o titulo que com tanto merecimento, tão alta fidalguia usava esse bravo e encantador João Pindella.

Era sempre João, o João, que diziam, mas jamais tambem um d'elles deixou de preceder o sonoro nome de um adjectivo carinhoso e amigo e então era sempre *Querido João*, que sahia de todos os labios, espontaneamente.

E' que o João era mesmo querido, queridissimo, á ré como á prôa, pelos mais graduados e pelos mais humildes. Verifiquei-o



Festas de junho — As Boeiras do carro do Porto

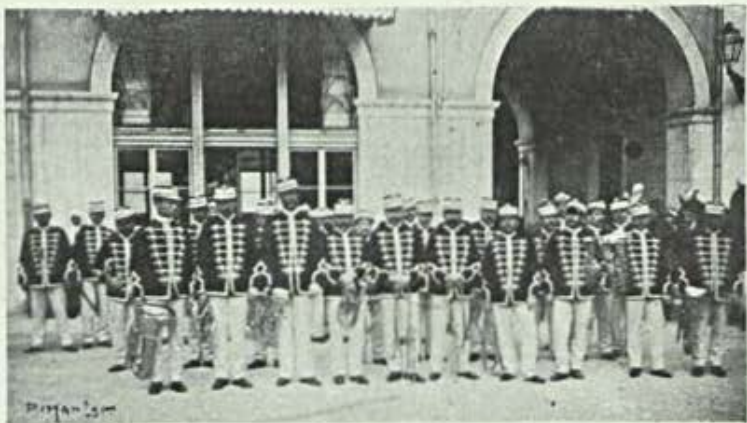
bem, tive d'isso a certeza plena, bem antes de me conceder a minha boa estrella a ventura inesquecivel de viver no barco luso oitenta e tres radiosissimos dias.

Foi aqui, no porto do Rio, que o Querido João fez annos e eu tive ensejo de contar aos leitores do *Jornal do Brasil* a maneira por que se festejou na *Patris* essa data. Nunca vira eu e certo já-

mais verei fazer a um rapaz manifestação mais singela e, ao mesmo tempo, mais grandiosa, mais significativa.

Desde esse dia, eu, que já tinha pelo brilhante official e fino fidalgo uma decidida sympathia, fiquei a querer-lhe com uma amizade funda e extrema, com uma ternura em que havia muito de admiração e de respeito. E' que adquiri a certeza de que quem assim era amado pelos seus companheiros, — officiaes do mesmo officio — pelos seus subordinados — em geral avessos a estimar os superiores — não era uma creatura vulgar, tinha qualidades de coração especiaes, excepcionaes.

Mais tarde, na convivencia de bordo, dia a dia, acotovellando-se n'aquella casca de noz que continha todo um mundo, onde entre



Festas de junho — A banda do Club dos "Fenianos,"

cento e sessenta homens dois não havia com o mesmo feitio, com o mesmo temperamento, a amizade e a admiração não fez senão crescer, avigorar-se.

E' que não sei de ninguem a quem coubesse melhor o qualificativo de Bom, do que ao João Pindella. Era um Bom, um Puro.

Na sua alma ingenua e simples, mas forte e inquebrantavel, nunca se aninhou um sentimento que não fosse elevado e digno, nobre e fidalgo.

Nas palestras a bordo, em horas calmas de repouso, eu e o dr. João Silveira — tão fino observador, tão subtil psychologo — costumavamos fazer estudos sobre os caracteres que nos cercavam, todos — preciso dizel-o — todos excellentes, todos superiores, formando o mais afinado e homogeneo grupo de rapazes distinctos que viviam e trabalhavam juntos, por longo tempo, sem uma descahida, uma falha.

Sobre o *Querido João* accordavamos sempre que nascera errado. Não era para este seculo de ambições desenfreadas, de egoismos ferozes, de frio indifferentismo e de praticissimo implacavel, o seu feitio de portuguez d'antanho, dos tempos gloriosos das grandes conquistas, das formidaveis epopéas.

No seu amor immenso, no seu cego amor pelo seu Portugal, elle o via, nos dias banaes de hoje, como elle fôra outr'ora, na quadra fulgurante, na epoca memoravel em que lusitanos sahiam pelo mundo, fiados apenas no seu valor e em uma Cruz siugela, a descobrir mundos novos: Era um sonhador o *Querido João* e os seus sonhos eram todos altissimos, formosissimos, sonhos de heroe. Quando uma realidade cruel vinha em uma rajada de vento adverso deitar por terra um dos seus castellos que elle vivia a construir no espirito e na alma, era de vêr a dôr que o prostrava, o abatimento em que ficava mergulhado, horas e horas, dias inteiros.

Pela familia, pela sua illustre familia, tinha João, Pindella o mesmo affecto santo. Ouvil-o dizer — "O meu Pae, — era vibrar de commoção, porque na maneira por que lhe sahia dos labios a phrase, sentia-se que era toda a sua alma, branca e terna, que vinha a envolver esse nome sagrado.

Vel-o de longe ler uma carta da sua casa era sentir palpitar-lhe o coração generoso de saudade infinita e de infinito prazer... Era um Bom, era um Puro.

A viagem ao sul do Brasil fôra infeliz ao *Querido João*. Já d'aqui partira adoentado. Depois, em Santos, tivera nova enfermidade, até que em Pelotas, um cruel sarampo o prostrou.

Tratava-se de um mal contagioso e embora tratando-se do mais amado de todos, a bordo, força era submettel-o aos rigores da disciplina, força era isolal-o, leval-o para a enfermaria, prohibir-nos a todos o dever e o prazer de o visitar a todo o instante, de sermos todos, todos, os seus enfermeiros dedicados.

Foi uma dôr geral, uma tristeza sem nome a bordo. Quando elle voltou ao seu camarote, de cuja porta não arredava pé o 15, o abnegado *impedido*, quando elle voltou para o nosso carinho foi uma



esta, uma grande festa. Cada um que podia esquivar-se a um numero do programma de festejos ficava a bordo, a acompanhar o João. Para ninguem havia prazer maior do que esse de estar alli ao seu lado, servindo-o, animando-o.

Lembro-me de haver ficado eu no dia em que vinha fazer a sua visita a bordo o presidente do Estado do Rio Grande do Sul. Uma banda marcial estava já no convés e quando s. ex.<sup>a</sup> chegou, rompeu a tocar o hymno nacional. Depois a vez do hymno portuguez.



Festas de junho — Na Rotunda — [Grupo de espectadores]

Quando as primeiras notas vibraram o *Querido João* soergueu-se no leito, sentou se.

— João, que é isso? ...

— Na... da... — ponde apenas murmurar.

Cravou os olhos na parede á cabeceira do leito, onde havia retratos da sua familia, do seu Rei e dos Principes, com as mais affectuosas dedicatorias. Lagrimas começaram a correr-lhe pelas faces pallidas, pela barba castanha, lagrimas copiosas, lagrimas grossas ...

Chamei-o, em vão, muitas vezes. Não respondeu, não ouvia ...

Pensei que morresse alli, desfeito em pranto, afogado em lagrimas de saudade dos seus, de amor á sua Patria, de receio do seu mal, de commoção por ouvir aquellas notas que eram o cantico ardente e sagrado de saudação ao seu Portugal estremecido, distante ...

Não morreu... Só agora, dizem-no telegrammas de Lisboa, voou para o claro céu a sua alma demasiado delicada para viver na feia terra... Voou, e eu sinto que com esse vôo perdi um irmão querido ...

(Do *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro).

BAPTISTA CORELHO.

## Bom humor

Publicamos a seguir um dos mais interessantes capitulos d'esse escripto volume que com o titulo acima a Livraria Ferreira deu agora á publicidade.

João Chagas — o nosso chronista por excellencia — teve a felicidade de reunir n'esse livro as chronicas scintillantes que appareceram na *Parodia* em um anno de collaboração litteraria com Bortaldo Pinheiro. E' uma d'essas chronicas que hoje honram as columnas do *Brasil-Portugal*.

Como se faz o politico profissional?

Ha os politicos de carreira e os politicos de circumstancia. O politico de carreira é aquelle que orienta a vida no sentido da politica, ou recebe dos seus auctores, como uma herança, a indicação de que deve entrar n'ella. Algumas vezes são as suas familias que lhes marcam o seu destino. Ainda elles não fizeram a primeira communhão, já seus paes dizem affagando-lhes o melão com carinho: "Este ha de entrar na politica". Como hão de entrar na politica, vão para Direito. E' o curso mais facil e é o que está na tradição das carreiras politicas. Um politico medico, um politico engenheiro tem o ar de um homem que falhou na medicina e nas pontes e calçadas. O diploma do bacharel em direito, ao contrario, não é uma profissão: é um titulo honorifico. E' uma especie de viscondado.

Feito o curso dos lyceus, o futuro politico de carreira entra incontinenti na Universidade, onde, enquanto faz os cinco annos de Direito, se prepara para as luctas parlamentares, fala nas reuniões do Club Academico, esboça as suas primeiras noções de ordem, afina a voz para os primeiros apoiados. Ao mesmo tempo revela as suas opiniões. Antigamente, em Coimbra, o politico de carreira

era republicano. Assignava manifestos, promovia tumultos, dava vivas á Republica, á noite, ao recolher da batota. Mas a bonhomia com que antigamente se consideravam estas manifestações chamadas do "sangue na guelra", cedeu o lugar á intolerancia. Pediram-se responsabilidades á juventude. Assim, ao entrar na Universidade, o politico de carreira senta logo praça, e, para todos os effeitos, declara-se regenerador, ou progressista, segundo o partido onde já tem marcado o seu lugar. Conhece os homens do partido, assigna os jornaes do partido. Tem um chefe. No partido contam com elle. Em Lisboa, mesmo, pelas ferias, apparece no Centro. Já um circulo espera que elle "faça acto, para o mandar á camara.

O politico de circumstancia entra na politica sem premeditação, por acasos da vida, protecções, um casamento rico. Já não é novo. Antes de entrar na politica, andou ás apalpadellas por outras profissões, foi medico sem clinica, advogado sem clientes, funcionario obscuro na provincia, ou no sedentarismo do Terreiro do Paço, esteve no commercio, jogou na Bolsa, jogou na Loteria, furou por aqui e por ali em busca de uma fortuna que nunca veio. Mas um dia encontrou no poder um antigo condiscipulo, um velho companheiro de casa d'hospedes que lhe deu a mão, o empurrou para dentro de um circulo vago; ou então, casou bem, teve propriedades, influencia local, votos. Subsidiou um jornal de provincia, guerreou os progressistas, ou os regeneradores, capitancou galopins, e o governo, no primeiro ensejo, deu-lhe uma cadeira em S. Bento.

Outras vezes o politico de circumstancia é o resultado de uma longa fidelidade, senão aos principios, aos homens, e o seu circulo representa uma forma de pagamento de serviços pessoais. E' aquelle sujeito que acompanha sempre tal ministro, ou tal homem politico, que o espera no corredor da camara ao sabir das sessões, para o acolytar caminhando a seu lado, com deferencia e sympathia; que na rua o faz desviar dos carros segurando-o docemente em um braço, e que em casa corre zelosamente a fechar as janellas abertas por onde passam correntes de ar. Um dia, o politico de circumstancia, tendo largamente servido senão um partido, um homem, vê o premio dos seus serviços: é levado á camara e é então aquelle deputado da maioria que a gente vê das galerias correr para um sujeito emproado que o chama com um dedo e lhe dá uma ordem breve.

O politico profissional, seja de carreira, seja de circumstancia constitue no nosso meio social uma actividade á parte. Não está na sociedade: está na politica. A politica é a sua occupação. Quando a camara está aberta, a sua occupação é ir á camara. Quando a camara fecha, então vae ao Centro. Ainda exerce a sua actividade por outras formas, mas sempre no sentido da politica. Assim vae a S. Carlos, onde á noite, nos corredores, se discute politica, e, se é homem de rua e de passeio, passa um sobretudo, mette um charuto nos dentes e vae depois do jantar um bocadinho á Havaneza. Nas ferias vae á provincia, onde, se tem uma propriedade, acampa; mas não imagineis que o profissional da politica



Festas de junho — Na Rotunda

encontra ahí na sua função social. Ahí, na simplicidade da natureza, o profissional da politica faz politica. Manda que lhe remetam o *Correio da Noite*, ou a *Tarde*, recebe á sobrezeza os seus amigos... politicos, conta, passeiando por entre as vinhas, sob um guarda-sol, os casos da politica.

Por outro lado, se a politica é a sua unica occupação, o seu partido é o seu unico dogma. Fóra do seu partido, que lhe dá o santo e a senha, o politico profissional não tem orthodoxias. Não tem mesmo opiniões. Não é atheu, ou deista, espiritalista, individualista, ou collectivista. E' simplesmente progressista, ou é regenerador.



O politico profissional ama o seu partido. Dentro do seu partido não é sómente um sectario: é um devoto. O seu sectarismo é uma fórma da beaticão. O seu chefe é uma especie de padroeira e as suas reuniões são novenas do Mez de Maria. Assim, o politico profissional — phenomeno característico de todas as fórmas do sectarismo religioso — não abjura. E' duramente, teimosamente, irraciocinadamente, progressista, ou regenerador — até á morte... A esta de-



Festas de junho — Na Rotunda

voção chama disciplina, a esta disciplina sacrifica toda a sua personalidade, e que ella o mande andar de gatas: — elle andar.

O politico profissional não tem outras paixões senão aquellas que resultam da politica. Mesmo quando é jovem não tem outras. Raramente celibatario. O celibato é um perigo para o homem politico. Além d'isso, diminue a sua austeridade. O celibatario não inspira confiança. Só o homem casado dá garantias sociaes. O casamento é uma folha corrida. Quando não é casado, o politico profissional casa. E' sobrio. Não bebe, ou corta o seu vinho com alguma agua mineral. Não fuma, ou só fuma um charuto autoritario e grosso. Não traça com garridice; não arvora nunca um chapéu de palha, ou uma gravata flammante. Na vida politica, a sobrecasaca é de rigor. Se não tem casa sua em Lisboa, hospeda-se no Borges.

Constituindo na vida uma fórma restricta da actividade, o politico profissional vive do mesmo modo no seio de uma sociedade restricta. Os seus amigos são os seus amigos... politicos. Se tem outros, occulta-os cuidadosamente, como diversões condemnaveis. Escolhe as suas relações entre os homens politicos, é affavel com os adversarios, mas só é affectuoso, familiar, intimo com os correligionarios. Para o politico profissional, o correligionario é mais do que um individuo da mesma religião: é um individuo da mesma familia. Na sua companhia, affrouxa a rigidez profissional, dá-lhe o braço, sorri, e á noite mesmo, ao sahir de S. Carlos, não hesita em ir com elle, recatadamente, sacrificar a Venus Mercenária n'algun templo clandestino, apenas conhecido de alguns deputados da maioria.

Fóra da companhia dos seus amigos politicos, dos seus confrades, dos seus correligionarios, o politico profissional é um homem morto. Os interesses que se debatem na sua presença não são da sua alçada, ou da sua competencia. Discute-se philosophia, sciencia, arte, litteratura, mulheres, cavallos, modas. O politico profissional encavaca e amúia. Está exilado.

JOÃO CHAGAS,

## Politica internacional

**A**gravou-se novamente a situação na Russia e de um momento para o outro espera-se qualquer movimento revolucionario em grande escala. E dizemos propositadamente «em grande escala», porque em «pequena escala», estão as insurreições parciaes na ordem do dia. Começa outra vez a falar-se na grève geral em todo o imperio, como o meio unico e infallivel de obrigar o tsarismo a ceder perante a nação. E' triste que tenha de se chegar a esse extremo, que pôde ser o prologo de tremendas calamidades, mas quem está provocando a catastrophe final são os desalmados politicos, que preferem vêr afundar a Russia n'um mar de desgraças a cederem nos seus revoltantes intentos de continuar a ter manietados 130 milhões de escravos, que assim pôde ser considerada toda a população do imperio em face da autocracia. Não se comprehende situação mais tragica nem mais insupportavel

tanto para os que a soffrem, como para aquelles que d'ella são meros espectadores...

Não ha duvida, que o principio da não intervenção nos negocios internos de cada povo é defendido por todos os tratadistas de direito internacional, e representa actualmente a norma seguida sem excepção por todos os governos.

Mas perante o que se está passando na Russia e na perspectiva do que parece que virá dentro em pouco ali a passar-se, poderá a Europa por muito tempo conservar-se de braços cruzados, sem procurar remediar um estado de cousas que além de ser um perigo para o occidente é uma vergonha para todas as nações cultas? A teimosia por parte dos conservadores russos em levar ao desespero mais de cem milhões d'homens é uma loucura de tal ordem, e pôde dar logar a acontecimentos de tal maneira pavorosos, que se nos alligura ha de acabar por provocar na Europa e na America uma unanime repulsão, que tem de traduzir-se por qualquer acção commum das potencias. Bem sabemos que é perigoso e de difficil execução qualquer acto n'este sentido. Mas para a grandeza do mal, que ameaça converter-se na mais tremenda hecatombe que tem ensanguentado a humanidade, só um remedio heroico será bastante. Dir-se-ha que a intervenção, qualquer que seja a fórma que ella revista, estabelecerá um precedente perigosissimo, de que terão de arrepender-se mais tarde os seus promotores. D'accordo. Mas mais perigosa, sob todos os aspectos por que se considera, é a continuação d'este sinistro espectáculo que no momento actual a Russia nos está dando. Será singularmente melindrosa a applicação do remedio proposto. Mas é incontestavelmente quasi desesperado o mal que o reclama, como a unica probabilidade, ainda que já bem tenue, de salvação.

Tinhamos justamente acabado de escrever estas linhas, quando nos chega a noticia do violento movimento de protesto, que começa a accentuar-se na Europa contra a perseguição e a matança dos judeus em Bicolstock. Na Inglaterra sobretudo a indignação chegou a tal ponto perante este grande crime de lesa civilização, que os mais importantes jornaes de Londres instam com Sir Eduard Grey, ministro dos negocios estrangeiros, para que tome a iniciativa de fazer pressão sobre o governo de S. Petersburgo, afim de que se não repitam as scenas d'estes ultimos dias na maldadada cidade russa, onde se contam por centenas os mortos pelos chamados «bandos negros», verdadeiros malfiteiros que assassinam a torto e a direito mulheres, velhos e crianças, contando com a cumplicidade do governo ou pelo menos dos seus agentes, como o tem irrefutavelmente provado a Duma no inquerito que está fazendo



Festas de junho — Na Rotunda — Em flagrante

sobre o assumpto. O que os jornaes inglezes pedem é nada menos do que a «intervenção» a que no principio d'este artigo nos referimos. Ora o que está no momento actual acontecendo com os judeus de Bicolstock que são hoje trucidados como o foram hontem os de Kichenev, por serem partidarios da liberdade no paiz, que é tambem d'elles, acontecerá amanhã com os proprios russos em todo o imperio, porisso que não é contra os judeus, por serem de outra



## Exercícios de artilharia no hypodromo de Belem

EM 26-6-906



El-Rei e officiaes

raça, que os conservadores organisam matança, mas por serem liberaes...

O triste duello em que o tsar está empenhado com a Duma começa a produzir as suas naturaes consequencias. Houve uma acalmção quasi completa dos animos, quando a Duma inaugurou os seus trabalhos, porque a nação chegou a convencer-se de que o imperador estava firmemente disposto a fazer boa a sua promessa de dar a liberdade constitucional á Russia. Hoje, porém, que a desillusão a esse respeito é completa, augmentada ainda, se é possível, com a irritação causada pela teimosia de conservar no poder o ministerio Goremykin, exauctorado pela representação nacional, as grèves politicas e as insurreições parciaes principiam de novo, precursoras, tudo o leva a crer, de um levantamento geral. Cada dia que passa torna-se a situação mais tensa, e pouco viverá quem não vir o desfecho d'este funebre desafio entre Nicolau II e a nação. E pouco importa para o caso, que sejam o imperador, de sua propria inspiração ou os seus conselheiros, a causa do que se está passando. Os resultados serão exactamente os mesmos. Tambem Luiz XVI era simplesmente um fraco e um irresoluto, e de modo nenhum um tyranno, e no entretanto foi sobre a cabeça d'elle e dos seus que cahiram os raios da colera popular desencadeada pelos aulicos, que tudo fizeram para tornar impiedosa a revolução. Oxalá que a mesma sanguenta historia se não repita com Nicolau II.

O que é indubitavel é que no duello, que vae travado entre Peterhof e o palacio de Taurida, a Duma leva a melhor. A auctoridade do tsar, desde que a assembleia nacional se reuniu, está visivelmente em cheque. Não ha duvida que o tsarismo ainda esgrime contra os deputados do povo: mas a sua opposição desorientada ás votações da Duma dá a impressão dos movimentos desordenados e incoherentes de um naufrago prestes a afogar-se. Cada minuto que passa, mais se lhe quebrantam as forças, e mais cresce a onda que ha-de afinal acabar por subvertel-o. Toda a Europa vê este desenlace fatal para breves dias.

Só Nicolau II e os que o rodeiam parecem não ter d'elle o mais leve presentimento... E no entretanto o que se está passando em S. Petersburgo é de uma eloquencia esmagadora.

Diariamente se levantam na Duma as mais tremendas accusações contra o regimen burocratico. Não é com meias palavras ou com phrases veladas e cautelosas que se ataca o actual systema gover-

nativo e os seus representantes, mas com apostrophes de uma violencia sem precedente em parlamento algum do mundo. Os ministros não podem falar, sem que de todos os cantos da sala os apupem e teem de descer da tribuna aos gritos de «assassinos», «carrascões», «tyrannos» e outros d'este jaz. E isto dura ha umas poucas de semanas, e em vez de se caminhar para uma acalmção dos animos a situação apresenta-se cada vez mais tensa e os horizontes mais carregados.

Evidentemente se o tsarismo se vê obrigado a assistir assim ás suas ruidosas exequias; se os ministros se resignam a verem-se assim expostos, como se fossem criminosos vulgares, ás vaias, aos motejos e ás imprecações furiosas de uma assembleia inteira, é por que já não teem força para impedir semelhante espectáculo, unico na historia. De ha muito que a Duma teria sido dissolvida pela força, se o governo julgasse que o podia fazer impunemente. Se ainda a isso se não abalçou, e já agora não se abalará decerto, é por que teme o sinistro echo que semelhante attentado teria em toda a nação. Mas se isto é assim, e mal se comprehende que o não seja, chega a parecer incrível que o tsar não transija e prefira que os seus ministros estejam diariamente perante a Europa inteira, não já simplesmente diante da Russia, a serem flagellados sem piedade no pelourinho da indignação popular.

Acima de todas as abdicções imaginaveis é este o castigo mais cruelmente requintado, que se podia inventar para matar moralmente a autocracia na consciencia publica. Não se encontrariam mesmo em toda a Europa outros ministros, que com tal inconsciencia das suas responsabilidades e até dos perigos que correm se sujeitassem a representar semelhante papel. Chegam a metter dô, porque nem ao menos são do estoffo de que se fazem os dictadores!... Um Cromwell, um Mouk ou um Pavia, não teriam accedido a uma posição d'essas.

Corre com certa insistencia que o tsar chamará para formar ministerio o dr. Muromtsev, presidente da Duma. Seria uma acertada resolução e a unica capaz de evitar a tremenda liquidação que se prepara. Mas por isso mesmo que é acertada, duvidamos de que se realice. A côrte e a burocracia teem praticado tão grande numero de erros ha tres annos a esta parte, que maravilha seria terem á ultima



Exercícios de artilharia no hypodromo de Belem

El-rei, Infante D. Affonso, ministro da guerra, e estado maior da 1.ª direcção, assistindo ao desfile

hora a comprehensão nitida da situação. Talvez até que já fosse tarla a chamada ao poder do presidente da Duma. No entretanto é a unica probabilidade ainda de salvación. Se se deixa passar a oportunidade d'este derradeiro e breve momento, em que a procella por ora se não desencadeou com toda a sua destruidora magestade, então está tudo perdido na terra russa e o mundo civilisado pôde preparar-se para assistir á mais espantosa tragedia que a historia memore. E não haver um tribunal, com sanção bastante, para julgar os grandes criminosos que teem a responsabilidade d'este monstruoso attentado de lesa-humanidade!...

E como o gladio da justiça tinha de ser implacavel!...

CONSIGLIER PEDROSO.

## CÊGUINHA

Depois que Deus me cegou,  
Não vejo os filhos andar  
N'esta miseria em que estou:  
Mil graças, Senhor, vos dou!  
Mas inda os oíço chorar...  
E assim pobre como sou,  
Nada tenho que lhes dar.  
E debalde me condôo!  
Senhor, poupa-me o pezar  
Tambem de os ouvir chorar!...

JOÃO DE DEUS.



Exercícios de artilharia no hypodromo de Belem

El-Rei passando revista

(Clichoes off. por Correia Santos)



## A princezinha das rozas

**L**é tu lá como é bom dormir n'uma barca de pesca, ao clarão da lua cheia, que deixou cabir nas águas o seu leque de palhetas cõr de prata. Em balde a fria princeza das noites estende o braço para apanhar das ondas o leque que lhe foge, cada vez mais para além.

Sobre a areia branca, ainda ha pouco, cantavam manso os pescadores, e as creanças nuas faziam, na orla das ondas, rolões de golfinhos que sahissem d'espumas. Mas as cabanas adormeceram, esvain-se o fumo das toscas chaminés... e cada vez o leque vai fugindo mais por essas aguas afóra.

Lá nos confins do mundo, onde se acaba o pavimento dos mares e começam as arcarias do céu, ouvi dizer que está cahido ha muitos annos um pedaço da abobada celeste. E por allí entram as almas das creancinhas mortas, ao collo dos seus anjos da guarda. Nosso Senhor, fatigado de conversar em latim com os prophetas, vem vér por essa fenda da abobada, as alegrias do mundo; e quando nos sente felizes, se os trigos são fartos e as redes veem cheias de peixe, fica tão contente o bom velho!

D'uma vez, um delfim de França, que morreu pequenino, vendo á entrada dos céos aquelle velhote curvado a rir para elle de manso, pôz-lhe a mãozinha na bocca para que o velhote a beijasse.

Chalreando com a sua vózita de cherubim: *hei-de fazer-te duque!* Pelo mais intimo da noite, quando as cabanas dormem, uma vida extranha, impalpavel, errante, phosphoreja das coizas inanimadas durante o dia. Certas formas inertes, brutaes, immobilizadas, parecem palpar d'uma alma que desabrocha como a floração exotica do cactus, aos halitos humidos da ante manhã.

Tudo vibra a complicada função d'uma vida, sente, respira, cresce, sabe amar e reflectir. Cada floresta e cada prado, como uma grande cidade, forja e obedece a leis, tem interesses reciprocos, disputas, exaustões, batalhas e mortes: e revolta-se, aclama os seus reis, precipita os tyrannos, corõa os poetas, exalta os martyres, castiga os apostatas, applaude os tribunos — porque tambem uma eloquencia jorra pelos labios de certas flores. Esta alma exhalada toma diferentes expressões, magnetisa-nos e circunda-nos.

Os anões são, dizem, espiritos que brotam a essa hora dos rochedos, como os elfos das arvores, e as *nixes* das claras aguas dos ribeiros. Sobre as tranquillias ondas, dansando ao clarão da lua, veem-se as formas diaphanas d'essas virgens aquaticas, que subiram das grutas azues que ha no fundo da ribeira, a respirar o halito das estrellas, e a sacudir dos cabellos d'algas, as perolas que os mergulhadores acham depois dentro de cascas d'ostra, como em escriptos esculptados.

São raparigas que morreram no dia de noivado, antes de se sentarem coroadas de rozas, á meza do festim de nupcias, e em cujos labios o noivo não chegou a depôr o beijo da fecundidade. Assim inflamadas em desejos, que mergulham no seu peito como as raizes d'um cypreste, pallidas como o alabastro dos sepulchros, e mais puras ainda que a alba das madrugadas, ellas foram para a cova vestidas de noivas, e a cova as repelliu vendo-as abrazadas d'amór, para que as purificasse a agua limpida da corrente.

Nas suas mortas nuas enroscam-se as tranças gottejantes. Pelas tunicas descingidas, brancura d'espaldas parecem offerecer-se. E tentam os seios, de crespos, como pomos que nunca foram mordidos.

Por manha ellas cozeram uns aos outros os seus veus de noiva, e com elles fazem os nevoeiros do rio, a vér se os barcos se perdem, e algum pescador vigoroso e bello lhes cahe na rede, afim de o sugarem com os seus beijos de vampiro.

Dos hombros lhes nasceram azas, longas como as dos insectos velozes d'agua, tão leves e musicas quando vibram ao vento, que mais parecem preludios de harpa os fugitivos sons que acompanham, volitando, as suas danças cheias de morbidez. Os pés, de sempre viverem na agua, vão-se fazendo pouco a pouco em barbatanas. E ondulantes como cobras, dançam os corpos aos pares, por sobre as enrugações friorentas da onda, cingindo-se pelas cintas, e tendo as azas a prumo como ligeiros alfanges. Outras, sentadas nos rochedos baixos, penteiam os seus verdes cabellos marinhos, com as mãos transeitas em barbatanas. Muitas, sacodem a plumagem das tunicas com ligeirizas d'ave, chapinando a agua com o donaire dos cysnes. E ha nos seus perfis esmaidos uma graça immovel que faz pensar em flores convalescentes, inclinando sobre a haste as brancas corollas virginaes.

Em balde ellas fluctuam buscando noivos para os seus palacios submarinos, forrados de liken, e com mo'stilias de malakite e coral. O seu amor de sombras faz tremer os pescadores no alto mar; encontral-as seria morrer de pavor!

Quanto mais a noite avança, mais ellas parecem tomadas d'inquietação; e hesitam, tornam a vir, partem de novo enlaçadas, ou parecem ficar reflectindo onde encaminhar seus passos. Mas vai que um pescador adormeceu na barca sonhando que o mar falava baixo rolando as suas espumas.

E o pobre estendia os braços dormindo: vinham bandos de *nixes* debruçar-se na barca, alvas e fluctuantes como as nevoas que o vento rasga nos cabeços dos montes, delicadas, ligeiras, para coroarem d'algas. E uma d'essas era a rainha, tão bella que mais parecia divina, tão nova que antes se diria creança, com tranças cõr das areias enxutas, e olhos verdes, cuja penetração ia atravez dos mais cerrados nevoeiros. Só de a mirar o pescador entontecia, e tanto lhe quiz que começou de entristecer e não cantar ao sahir á pesca. — Que tem elle? — Que não tem? Nenhum sabia dizer a razão de magna tão repentina. E todas as noites o pobre adormecia, e vinha a rainha das *nixes* sorrir-lhe no sonho.

Mas era estender os braços, escoregava-se ella por entre os demais;

até que impellida pelo chapinhar das barbatanas, a barca ia golfo em fóra, caminho d'uma gruta selvatica, tenebrosa, sem fundo, ourigada de dentuças cruceis, onde bramia o mar nos temporaes, e se dizia ser a bocca do inferno por onde sahia o demonio. Já lentamente ia a madrugada descerrando uma cortina de noite, entrementes que o pescador sentia o mar erguer a voz e espumar de raiva á bocca do antro, por onde o turbilhão de sombras regressava aos abysmos, lasso de marchar na noite sem destino. N'aquelle ponto sempre, o pescador despertava; iam desaparecendo as ultimas fimbrias de tunicas, e a rainha era a derradeira em transpor os boqueirões, e a gruta tanto amor lhe nascera no peito, que parecia dizer ao pescador:

— Vem comigo ao meu palacio d'estalactites cor de saphira, onde são colossaes os diamantes, de portico em portico ha rozarios de perolas, e os leitos são conchas mais finas que as azas das borboletas e as petalas das rosas. Nas minhas estufas abrem-se as puras flores da belleza; sensitivas cõr de luar do norte de cujos estames gottejam esmeraldas; aloes e fetos de perfumes exóticos: e os cysnes cantam toda a sua vida em lagos d'ambar liquido, sereias e carpas de ouro fazem cortejo de roda da minha gondola tirada por polvos de grandes tentaculos. E passarás em cortejo pelos canaes da minha capital, babilonia submersa, de que inda agora os pescadores veem os zimbórios e terrados ao meio do golfo, estando o céu puro e as aguas serenas. Guiar-te adormecido á entrada da gruta, eis o que eu posso fazer.

Mas só despertado e por tua vontade, poderias transpor as primeiras arcarias. Não te astumes os vãos circulares dos morcegos verdes, com cabeças d'anão e olhos de metal sobre o nariz; não respondas á interrogação muda das sphinges de bronze que por aquellas lugubres avenidas agitam as caudas ameaçadoramente; nem queiras saber dos cães de tres cabeças que arreganham a dentuça sobre quem onza penetrar o sombrio claustro que leva aos meus dominios. Oh! não hesites, meu amor! Abandona a tua velha barca e os farrapos que te vestem, e a rede que mal te dá para comer, e as cabanas e a terra onde serás toda a vida um pobretão de que ninguém faz caso. Já rompe a manhã e as estrellas se apagam. Deixa o calido sangue dos teus labios na frialdade morta dos meus! Dá-me a tua mão que inda é tempo, e acclamar-te-ão rei por todo o fundo d'esses mares. — Porém elle vacillava como médo. Seguil-a-hia? Transpór a caverna era medonho! — e seismando na fascinação d'aquellas falas, vinha lentamente, a golpes de remo, prescrutando ainda no fundo das aguas a flexa dos zimbórios da capital sepulta no diluvio.

Dormia o golfo n'uma phosphorencia incorporea que lhe subia do fundo; brancuras incertas de corucheus, arcos triumphaes, fortalezas, terrados, estatuas, mausoleus, pareciam immobilizar-se na translucidez cerulea das camadas mais fundas — entanto que a voz da ondina se diffundia no murmuro das ondas, semelhante á musica d'uma fruta entre os suspiros do arvoredo. Andaram assim noites e noites, as redes não traziam peixe, o convívio dos ranchos era-lhe fatigante, ia apodrecendo o colmo da cabana sem que elle o renovasse... Uma vez pelo alto escuro, deixou-se prender do encantamento: de manhã encontrou-se a barca sózinha, como um esquite violado, caminho do oceano... e referindo o caso, os velhos do mar persignavam-se. Dizem que nasceu uma creança da união do pescador mal-a ondina. O pae era christão; não consentiu Deus que a pequenina vivesse a vida monstruosa dos paes, nos palacios da Babilonia submersa.

Quando a ronda das virgens aquaticas tinha subido a divagar nas orlas do golfo, o pescador deitou a filha n'uma cesta bem calafatada



Duque de Almodovar del Rio

† 23-6-906, em Madrid

O duque de Almodovar del Rio era o actual ministro dos Estrangeiros no gabinete Moret. Presidiu á conferencia de Algeciras, e n'esse cargo espinhoso e difficil foi por todos elogiada a sua attitude energica e imparcial. A Hespanha perde com a sua morte um dos homens mais prestantes da actualidade.



## TYPOS DE BELLEZA



M.elle Derieux  
Actriz parisiense

com resina. E á bocca da gruta, lançou o berço ás aguas. E o berço foi vagando até ás regiões da primavera, eterna, luminosa, onde as almas dos lyrios vão pouzar-se em revoadas sobre as elegias do poetas, e se cazam os colibris co'as acueenas, e as cabeças loiras se inclinam na suavidade do mesmo idyllio entresonhado. Assim aportou o berço ao principado das rozas; e o príncipe que se banhara mais a princeza, ambos tristes de não serem fecundos, apenas lhe trouxeram a creança, adoptaram-na por filha, fazendo-a jurar successora ao throno do seu pequenino paiz, tão pequeno, que as lavadeiras batendo roupa nos tanques de palacio, iam estendel-a por não chegar o campo sobre as fortificações de rozas da fronteira. Foi crescendo a pequenina, crescendo; de longas terras vieram sábios instruil-a nos segredos do saber humano, terras, ceus, astros, noites, plantas aguas e nuvens. E açafatas, de mil côres e paizes lhe ensinaram a bordar maravilhosas tapeçarias em seda e ouro, para as capellas dos mosteiros e cathedraes; outras lhe faziam tocar no orgão symphonias de grande unção religiosa, que erguiam a alma para o azul da bemaventurança; outras ainda a habilitavam a talhar gibbes de côrte e anaguis de brocado; enquanto miniaturistas toscanos lhe iam dizendo a maneira de illuminar a brilhante colorido os livros de Horas, nobiliarios, missaes, com toda a casta de figuras, grinaldas de flores e castellos nas orlas do pergaminho assetinado.

E já mulher, as falas da princeza eram musicas, os olhos côr de lothus, e cabellos loiros tão grandes, que se os desatava, cahiam-lhe pelas costas, rolando ao chão em espiraes mimosas como a seda, e mais odorantes que a verbena e que o jasmim. Porém esta maravilhosa figura parecia um cristal de neve, onde não pulsava coração. Os seus olhos eram pallidos e vagos como os das estatuas; sempre cerrada, a bocca não tinha esses instinctivos fremitos que são como beijos latentes em labios virginaes — e havia nos seus meneios tal dolencia, regularidade e reserva, que faziam evocar, vendo-a assim muda, a sua origem d'espectro e de *nixe*. No principado das rozas, iam se os reis fazendo velhos.

Embalde esses velhos provocavam justas, torneios, saraus, e outros certames, com fim de chamarem aos seus estados todos os bellos príncipes e gentishomens da cercania. Elles acorriam, e arvoravam côres da princeza, pondo o nome d'ella por divisa nos escudos. Mas cada um depois de a vêr se retrahia, minado do estranho frio que o seu divino corpo inspirava, frio inexplicavel, profundo, íntimo, que todas as paixões ia gelando, todos os entusiasmos abatendo; e sem escolher esposo a princeza! — e um a um, cada qual partia sem voltar a cabeça, reecoso por haver tocado aquella soberba estatua de mausoleu. Embalde os reis meditavam na reserva da princeza, pois desconhecendo-lhe o nascimento, referiam aquella tristura a magia ou encanto d'algum espirito adverso.

Chamaram-se os medicos e sábios do principado, os eremitas das montanhas, e os velhos monges contempladores que viviam por essas cavernas á beira do mar, para elles dizerem d'onde provinha tanta frialdade de sangue na herdeira do throno, e aquella braceira atonita de phantasma, que tamanho alvoroço fazia nos coraçãoes adolescentes, vindos por desposal-a. Mas ninguem conseguia definir o mysterio:

iam-se uns, vinham outros, os mais afamados, os mais venerandos, os mais velhos... E a sphingo de marmore branco, avára do seu mysterio, errava nas galerias do paço, coroada dos jasmims que tinha Ophelia vogando na corrente, em meio dos adormecidos juncos.

Muito, muito havia que ella adoecera de saudade pelo mundo fabuloso em que primeiro vagara. Era de noite; nos fluctuantes poemas da sombras quando essas confusas reminiscencias lhe pousavam na ideia, em flocos translucidos, evaporadas talvez do promiscuo sangue que tinha herdado. E uma fatalidade impellia-a para o lago, e dos varandins do palacio ella ouvia os murmúrios complexos das ondas, á flôr das quaes pareciam divagar as almas do Danto, extaticas sob a fria lua, entre os rumores de todas as sortes de queixumes, ironias, lendas, e psalms de naufragio. Ella, a principio, não podera recompôr no turbilhão de manchas pallidas que subia da agua, algum perfil ou forma de coisa realisada na terra. Eram vapores escorregando sem ruido, molles ondulações, galopadas e monstros e gigantes, mil desconformes braços brandindo ameaça...

Mas lentamente, a vista foi-se acostumando a lér n'aquelle phantastico cyclorama, como n'uma biblia jerogliphada n'alguma idade primaveia... e dos confusos nevoeiros sahiam braços, cabeças, gargantas, torsos, cuja nudez entonteceria um sonhador. Cada forma destroucou-se do tumulto geral, viveu de movimento proprio, soube distinguir-se entre as demais. E eil-as enlaçadas ao luar, n'uma roada que se esgarça pelas arestas da rocha; ou walsando nos ventres lividos da vaga, inda mais parecem multiplicar as suas figuras e pares.

Captiva por aquella phantasmagoria do lago, a princeza desceu á praia uma noite... o luar vinha nascendo... diz-se que uma barca atracada ás escadinhas do caes, negra barca de mudos barqueiros, anões com hombros de titans, enjos olhos fosforejavam por baixo de chapéus feitos de grandes cogumellos.

Mas a princeza... a princeza?

Diz que pelas velhas estradas trotam mensageiros anciosos, creanças n'aquelle tempo, hoje velhos de mil annos que vão perguntando aos viandantes, se a viram passar alli. Quanta maior certeza elles teem de não acharem quem procuram, tanto mais phreneticos precipitam os vóos dos seus cavallos esqueletos.

— De certo! De certo! Cada vez o argenteo leque da fria princeza das noites vai fugindo mais por essas aguas afóra. Na foz do rio, os fogos dos barcos picam o mar d'estrelinhas vermelhas. Sonora como um beijo, a ribeira banha de manso, para lá do golpho, os muros dos terraços, onde os aloes alongam as suas lanças de ferro branco, onde ha tufo de paeonias gigantescas, e os bosques d'eloandro, myrthos, loureiros e pampanos, abrem parasoes murmurantes onde as pombas se agazalham.

E' noite. Illuminadas do fundo com os clarões de mil tochas, as aguas attingem no logo uma transparencia inaudita; e no enredamento da floresta marinha; surge lá baixo a branca cidade submersa. E' noite. Revestido com vestes de prelado, Satanaz, esse Baecho da bruxaria gothica, celebra missa nos altares da profanada abbadia, lá bem no fundo das aguas côr d'esmeralda. Entanto que a ondina geme no orgão aquelle grave preludio fugitivo e languido, que exprime os ardores da sua alma inviolada, e se diffunde no murmúrio das ondas, como uma musica de franta entre os suspiros do arvoredado.

Fialho d'Almeida.



Espera-se sempre demasiado do futuro: só os pessimistas teem surpresas felizes.

A prosperidade attrahe os amigos falsos e a adversidade afugenta-os.



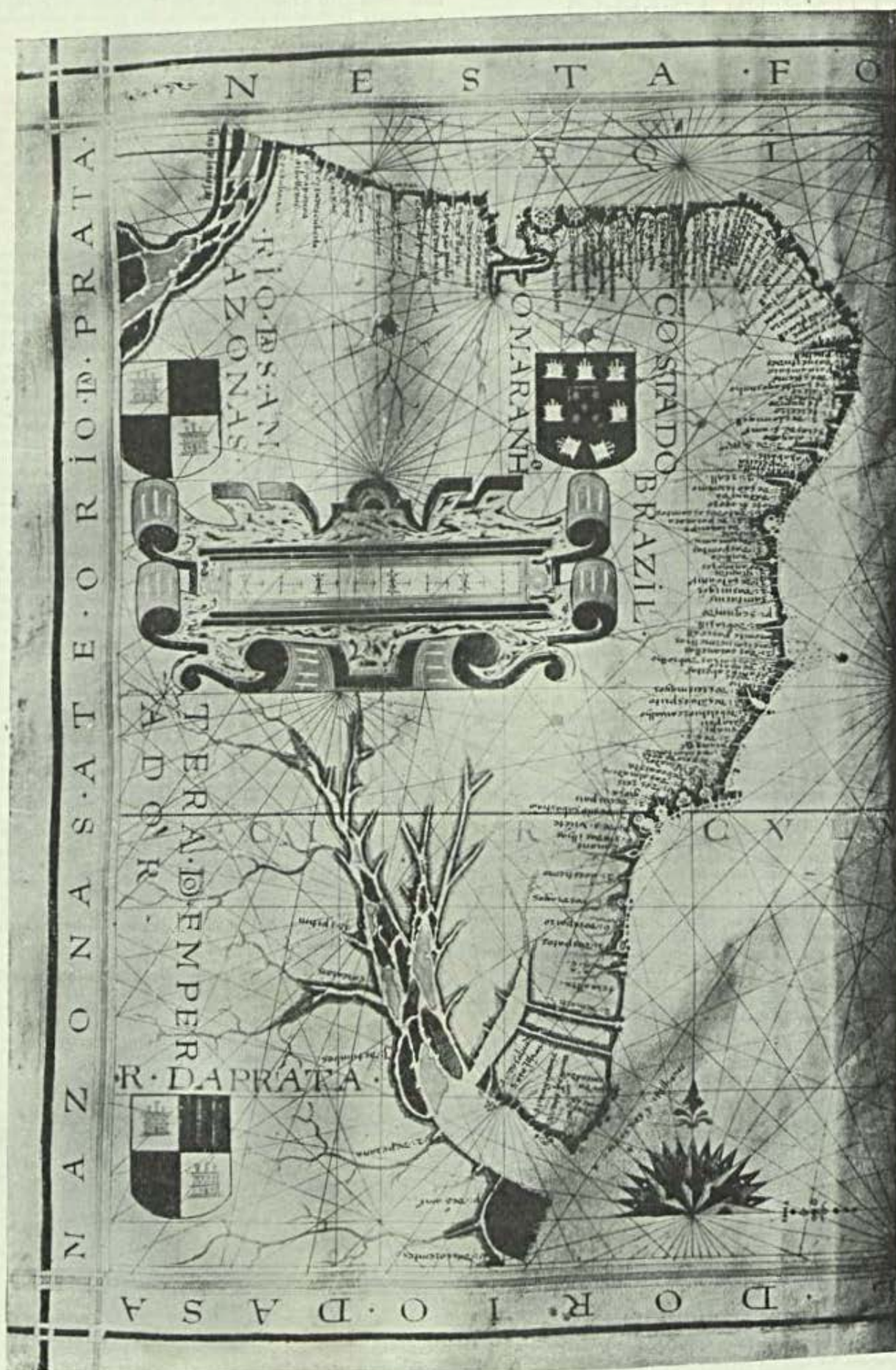
D. Helena Rosa Nunes

† 22-6-906

Com 89 annos, extinguiu-se esta virtuosa senhora, mãe querida do rev. arcebispo de Evora, D. Augusto Eduardo Nunes. O «Brasil-Portugal» associa-se á dôr que punge o nosso consternado amigo pessoal, que é um velho amigo tambem d'esta publicação.



# Mappas Historicos



Carta do Brasil extrahida do Atlas de Fernão Vaz Dourado, feita em 1571

E' o Atlas mais perfeito que se conhece d'essa época

(Existente no Archivo Nacional da Torre do Tombo)



# Xavier Cordeiro e Luciano de Carvalho



Dois nomes, de ha muito inscriptos no livro de ouro da engenharia portugueza: o primeiro derribado pela foice da morte ha pouco mais de um anno; o segundo ainda na pujança da vida e do talento mais uma vez affirmado recentemente na Associação dos Engenheiros Civis Portuguezes na comemoração solemne da alta individualidade do collega, companheiro de trabalho e amigo de tantos annos.

Ao descerrar o retrato de Candido Xavier Cordeiro, ao passar d'esse fremito agitando toda a assembléa, em que ia um espontaneo tributo de admiração e de reconhecimento de todos por aquelle que tanto tinha exaltado a classe, de que foi um dos mais brilhantes ornamentos, o illustre biographo descreveu a largos traços o que de admiravel, e de extraordinario até, se contém n'uma larga folha de serviços, eloquente como poucas; a interminavel bagagem scientifica do extinto, verificado como era nos diversos ramos da engenharia; os serviços prestados em numerosas commissões; os primores de um caracter precioso como ouro.

A tarefa tornava se difficil; tentá-a o mesmo era que evocar perante a assembléa uma já longa historia, grata ao coração de todos os portuguezes, em que vemos no deslumbramento do caleidoscopio o que se pensou, o que se sentiu e, sobretudo, o que se trabalhou, nos ultimos cincoenta annos, em que resolutamente, rasgado o nosso solo á locomotiva, fomos entrar na vida moderna depois do torpôr de seculos, durante o qual, como que exaustos de tanto caminhar, nos lançámos, transcorrido um periodo, bello como não ha memoria de povo algum que outro assim possuísse, em que, empunhado o facho civilizador, fomos nas azas dos ventos, em jornadas para todo o sempre memoraveis, esclarecer os dois hemispherios.

Nos ultimos quartéis do seculo passado, para nós a grande época do fomento material, encontrou campo vastissimo para exercitar tantas aptidões esse grande engenheiro.

Homem de gabinete e de campo, Xavier Cordeiro deixa um nome glorioso, immorredoiro, vinculado a muitos melhoramentos materiaes no seu tempo executados, construindo umas vezes e intervindo activamente sempre, quer pelo plano, quer pela consulta.

Os seus titulos nobilitarios acham-se dispersos nas memorias que escreveu, nas actas das sessões em que falou; nas obras filhas do seu genio, do seu esforço, que se erguem do sóio para sobre elle ficarem a testemunhar aos que hão de vir o seu valor.

Podia, ao prostrar do corpo alquebrado por tantas fadigas e pela pertinaz doença que o minava, ter exclamado como Napoleão I: Triste theoria sem pratica, triste pratica sem theoria!

No rumo, invariavelmente seguido durante a sua vida, o pensamento que sempre o norteou foi o de conciliar essas duas aptidões, para muitos quasi reputadas como incompativeis, e tanto é o que nos deixa, que impossivel se torna o registo completo dos trabalhos de varios generos, em que se comprazia o seu espirito de eleição.

Difficil farefa, realmente, a do biographo, ensobriado pelo assumpto, não sabendo a que dar primazia, se á agudeza do engenho e á febre do trabalho, que tanto exaltaram o que passou a fronteira do mundo dos vivos; se aos primores do caracter de fina tempera, em que todos viam o condão de prender e enfeitigar, o que lhe era tão espontaneo como o amor ao estudo e o arrostar das cancelas n'uma excursão profissional.

Não o fadou a natureza para possuidor de grandes meios de fortuna; mas deu-lhe em troca um grande coração. Na sua casa todos eram assim: não havia lagrimas, que não tratassem de enxugar, necessitados que não soccorressem, desprotegidos que não amparassem.

Por isso, n'estes periodos sentidos vibra o coração de Luciano de Carvalho:

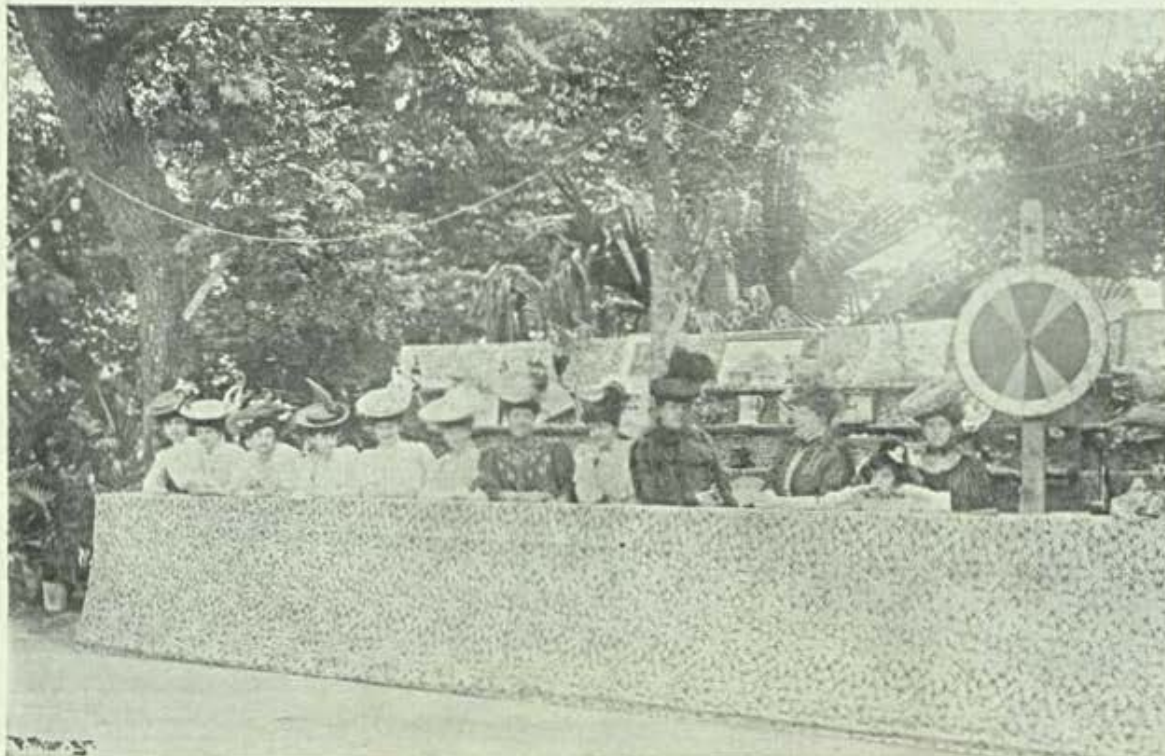
"Quando elle passava aparentemente amesquinhado pela sua modestia e acanhamento, cortez sem affectação, grave sem pedan-



Adolpho Rosa

Adolpho Rosa — aqui tem um açoreano a quem está reservado um alto lugar na galeria dos musicos illustres. No bandolim, em que é concertista excimo, contam-se pelas occasões as vezes que se tem apresentado aos publicos de Lisboa e dos Açores. Dentro em pouco vai o Brasil coroar-lhe o merito e consagrar-lhe a gloria.

## A kermesse no Jardim das Laranjeiras



Barraca das sortes — (18-6-906)



teria, affavel hoje, como hontem, como sempre; ninguem que o conhecesse, nenhum de nós ainda mais, deixava de dizer, ou pelo menos de o sentir: "Alli vae o modelo dos bons."

Elle, por sua parte, sem querer, por um impulso insito, tornava mais intensa a vibração de sympathy pela sua pessoa, nunca importunando, sempre mostrando agrado e evitando que no seu rosto ou nas suas palavras se reflectissem, de leve sequer, os desgostos que desde longe lhe vinham amargurando a existencia.

Não consta que elle alguma vez solicitasse para si. Para os outros sim, e muitas vezes; mas que restricções, que resalvas, empregava para suavisar a instancia e facilitar a solução, e, quando se lhe não acquiescia, com que bondosa resignação e sereno semblante acolhia a negativa?

Colhidos já os loiros universitarios, em 1861, ao encetar em Lisboa os primeiros estudos da profissão, em que veiu a ser grande mestre, viu se transportado para o meio litterario excepcional, em que brilhava Castilho. Abriu-lhe as portas d'essa verdadeira academia Rodrigues Cordeiro, o festejado poeta, seu tio, em casa de quem estava. E' esse meio que a penna aparada do biographo bosqueja n'este rapido kodak:

"O cantor do *Tasso no hospital dos doidos* era tão affeioado a Antonio Feliciano de Castilho, que pareciam unidos por um laço de consanguinidade, e como pela deficiencia do orgão da vista o poeta da *Primavera* fosse o menos ambulativo dos dois, era naturalmente em casa do primeiro que as suas familias se reuniam.

Era alli tambem o ponto de reunião das mais sociaveis notabilidades das lettras, das sciencias e das artes. Dir-se-hia que se estava n'aquella casa como n'um atheneu. Poetas, philologos, jornalistas, juriconsultos, engenheiros, se irmanavam pela communhão de ideias, como se pertencessem todos ao mesmo gremio.

Bulhão Pato, Silva Tullio, Philippe Leite, Rebello da Silva, Viale, Palmeirim, entre outros muitos que seria longo enumerar, celebravam estas ágapes, concorrendo a ellas frequentemente na casa dos Castilhos.

Zelando as tradições de uma familia em que o culto das lettras se transmittia quasi religiosamente de paes a filhos, presidia o grande mestre da lingua.

Sexagenario já, pois contava tantos annos como o seculo, cingida a fronte por laureis colhidos em Portugal e no Brasil, descansava das grandes luctas da vida, que lhe tinham quebrado o encanto das suas bellas utopias de felicidade pela agricultura e pela instrucção.

Por isso Xavier Cordeiro, não obstante a poderosa attracção que a sciencia sobre elle exercia, nunca deixou de render devotado culto ás bellas lettras, comprazendo-se nas horas, que o curso de tantas occupações lhe deixava livres, em manter o convivio com

as obras d'aquelles que deram á nossa bella lingua tantas paginas de gloria.

Não devia uma homenagem d'estas, na sua traça e na sua grandeza, deixar de corresponder ao grande vulto, cujo nome a morte não conseguirá nunca apagar.

No estudo tão profundo como verdadeiro, n'essas paginas tão sentidas que firma um dos mais bellos nomes que tem possuido a engenharia portugueza, ninguem deixará de reconhecer que Xavier Cordeiro alli revive, poderosamente evocado por Luciano de Carvalho, biographo bem digno d'elle.

L. F. MARREAS FERREIRA.

## Sud-America-Express

Em janeiro de 1907 o *sud-express* começará a ser diario: é ponto assente e já resolvido pela companhia, que necessita de alguns mezes para preparar todo o material indispensavel a esse melhoramento que se impunha, e principalmente se impõe agora que a affluencia de paquetes ao nosso porto augmenta dia a dia.

Na absoluta impossibilidade de estabelecer desde já carreiras diarias entre Lisboa e Paris, a *Propaganda de Portugal*, a sociedade sympathica, que conta apenas alguns mezes de vida, e que tanto tem feito já em favor da cidade, venceu todas as difficuldades, e, de accordo com as companhias de caminhos de ferro, conseguiu a composição de um quarto comboio rapido — o *Sud-America-Express* — que sae da estação central do Rocio todas as quintas feiras, isto é, no dia seguinte ao da entrada do paquete que chega da America do Sul na vespera. Para este quarto comboio têm preferencia na marcação de logares os passageiros d'aquella procedencia.

O primeiro comboio partiu na manhã de 21, assistindo á partida grande numero de directores e socios da *Propaganda de Portugal*.

O cliché que hoje inserimos foi tirado na gare no momento da saida do *Sud-America-Express*.

## "PROPAGANDA DE PORTUGAL"



A partida do primeiro *Sud-America-Express*, em 21-6-906

Parte da comissão directora: — Dr. Jayme Neves, Mendonça e Costa, Dr. Cisneiros Ferreira, J. Bello, Jayme Victor, Dr. João de Caires, Elyno Mendes, Lorjô Tavares, Strauss.